ANO II — Lisboa—Segunda-feira, 7 de Outubro, de 1918 — N.º 486

Pola:ler:e pola:grei

A Monarquia

Diario Integralista da Tarde

ENDEREÇO TELEGRAFICO: «MONARQUIA» LISBOA

Director
Conde de Monsaraz
Redactor principal
Antonio Sardinha
Propriedade da Sociedade Integralista Editora, Limitada
Escritorios e tipografia
R. de S. Paulo, 20
Impressão — Rua dos Gracieis, 234
Editor — João M. Santos
Telefone: C. 1033

A PAZ?

Trouxe nos ontem o telegrafo a noticia duma *démarche* da Alemanha e dos seus aliados, no sentido de se conseguir um armisticio e se entabolarem negociações de paz. E' por enquanto desconhecida a atitude dos aliados, em face das novas propostas dos Centrais, dirigidas em primeira mão ao presidente Wilson, encarregado de as transmitir aos governos da *Entente*.

E' cedo, por isso, para nos pronunciarmos sobre as consequencias provaveis deste importante passo. Ainda que os Aliados acedam em principio á iniciativa alemã, abrindo as negociações, mesmo assim nos pode reservar muitas surprezas a propria marcha dos trabalhos diplomaticos na conferencia da paz.

O que o tom geral dos telegramas nos revela claramente, e isso é bom friza-lo desde já, é que não se trata de propostas equivalentes ás anteriores, orientadas todas elas no sentido apenas de lançar sobre os Aliados as responsabilidades da continuação da guerra.

Não. Desta vez as propostas são vérias, muito sérias, ditadas pela gravidade excepcional da situação militar em face da ofensiva brilhante de Foch, e da defecção da Bulgaria.

A Alemanha tenta concluir a paz, na altura em que se lhe afigura ainda possivel negocia-la, dispondo de certos valores militares e *moraes que dum momento para o outro lhe podem falhar inteiramente*, dado que não afrouxe a pressão vigorosa e disciplinada dos exercitos aliados na frente francêsa.

Da mesma fórma que a Bulgaria pode a Turquia ou a Austria, em face duma arremetida mais audaciosa do inimigo, abandonar a causa comum e separadamente dispor-se a negociar a paz.

Nem a Turquia, nem a Austria possuem as condições de resistencia da Alemanha. A Turquia é um pais intimamente anarquizado pelas idéas do ocidente. A monarquia dualista essa não representa a nenhuma riulidade nacional. Por detraz do estado não se encontra a nação. Equilibrio instabilissimo de raças as mais variadas e confusas, sem nenhuma caracteristica comum, a Austria mantem-se de pé na prosperidade. No dia em que se verificar um grande desastre, acentuar-se-hão *fatalmente as tendencias separatistas, e em primeira linha a corrente magyar*.

O imperio dos Habsburgos corresponde exactamente, dentro do nosso seculo, á horda guerreira organizada, sujeita pelo pensamento militar, pela idéa da guerra unicamente. Sadowa, em 66, foi o primeiro golpe na vitalidade austriaca. Um grande desastre no decurso desta guerra podia com a maior das facilidades acarretar um abalo profundo na organica do estado, e com ele a definição das tendencias nacionalistas, e a pulverização do imperio, á imagem do que se deu na extincta Russia.

Tudo isto é que a Alemanha tem diante dos olhos continuamente. Tudo isto é que a obriga a uma *démarche* junto dos Aliados, bem cara para o seu orgulho mas que o interesse politico imperiosamente reclama.

Como acolherá a proposta o presidente Wilson? Como a acolherão os governos da *Entente*? Em vez de tecermos hipoteses mais ou menos abstractas e fantasistas, ou de interrogarmos qualquer sibila de *boulevard*, esperemos sossegadamente as noticias que o telegrafo não tardará em transmitir-nos.

Aproveitemos o tempo para apurarmos aquelas conclusões que já neste momento nos é licito formular, com a logica irresponsivel dos factos, e para mais uma vez acentuarmos como de todos os sucessos desta guerra o principio conservador sai victorioso e forte, na afirmação definitiva, na prova ultima do seu valor rial.

•

A victoria dos Aliados é a nossa victoria.

Portugueses nós recordamos que gente do nosso sangue se bate gloriosamente ha largos meses na terra extranha, em pleno calvario das trincheiras, na agonia duma lucta sem quartel. Que todo o sangue derramado, que todos os gestos admiraveis de bravura e sacrificio, depozitham por nós e pelos nossos direitos!

A nossa entrada na guerra, na altura em que os governos republicanos a decidiram, foi uma atitude de quixotismo perigoso. Fomos para a guerra, sem preparação militar, sem armas e sem equipamentos, sem hospitais e sem munições. O C. E. P., como corpo de exercito organizado, não existiu nunca senão no papel. Sem reservas, sem tropas de apoio, fomos guarnecer um sector que excedia as nossas possibilidades militares, sem se pensar na rotação dos efectivos, exgotando as tropas fisicamente, e abatendo-as no moral.

Mas o 9 de abril é para nós uma pagina esplendida de historia. Gloriosamente resistiram os nossos soldados, com uma proporção de baixas que nos honra, deixando assinalado com sangue português cada palmo de terra em que se bateram. Dia admiravel de sacrificio que não resultará inutil aos destinos da Patria! Acima da impericia e do desbarato governativo alevantou-se a virtude heroica da gente portuguesa, resgatando generosamente os erros de estadistas sem visão politica, e sem escrupulos morais.

Portugueses nós felicitamo-nos pela victoria das nossas armas e entusiasmadamente saudamos os que lá fóra bateram, na defeza do nosso patrimonio historico.

Monarquicos, nós não podemos esquecer que a victoria dos Aliados é tambem o triunfo das idéas que defendemos.

Quem é que vence? E' Foch ou Caillaux? E' a intriga democratica, o manejo sombrio da traição, o derrotismo radical esporeado pela propaganda alemã, ou é a politica auctoritaria de Clemenceau?

Ponhamos as coisas no seu logar. A democracia guarda para si o Chemin-des-Dames; para nós o sucesso brilhante da ofensiva actual. Contentem-se os democraticos com Malvy e Caillaux, Almereyda e Bolo, os vendidos e os cobardes, que o pacifismo republicano os celebre em altos brados, ou vá carpi-los recolhidamente. As espadas de Foch e de Castelneau, é que nos pertencem a nós, conservadores.

O sucesso dos exercitos aliados é o sucesso da unidade de comando. E a unidade de comando, não nos cansemos de repeti-lo, é o principio monarquico aplicado á conducta das hostilidades. Realizou-se finalmente a monarquia da guerra. Foch foi o chefe militar absoluto, com todas as responsabilidades e com toda iniciativa, mais do que um general: o Rei da Guerra!

Se a França triunfa é graças á disciplina, á ordem conservadora que se impoz ao velho demagogo Clémenceau, e que ele soube aceitar, sacrificando a rigidez geometrica das idéas ás necessidades da salvação nacional. O que em França triunfa é o movimento reaccionario, auctorista, *da Action*.

Mas nós temos a contra-prova flangrantemente elucidativa. Basta-nos voltar os olhos para a Russia, basta-nos lembrar a paz de Brest-Litowsk, directa e imediata consequencia da mais pura anarquia democratica, da mais gritada proclamação das imortais principios.

Estas duas experiencias formidaveis devem satisfazer de sobra o nosso positivismo critico. Nada de apriorismos! Nada de hipoteses mais ou menos seductoras! Partamos dos factos para a teoria, da rialidade objectiva para a construção doutrinal. Façamos da politica uma sciencia, assentando metodicamente as suas leis sobre as verificações da historia.

Não nos embalemos na musica suave dos retoricas republicanos! Para a democracia vencer era preciso que tivesse vencido a Russia!

Conservadores nós encontramos mais um motivo de alento e de fé na hora que corre, ainda cheia de enigmas e de surprezas. O principio da auctoridade sai vencedor da lucta, e quem o incarna é a França. Os latinos triunfam pela virtude intima do espirito latino, recobrados de vez do abastardamento democratico, libertos da invasão mental das idéas alemãs que geraram 89, subvertendo a antiga França.

Atravez da historia do ultimo seculo nós constatamos sempre na Europa o duelo dos dois principios opostos, da idéa republicana e da idéa monarquica. Ambas elas têm sempre nações a representa-las, umas ou outras segundo as circunstancias do momento. A democracia é sempre a parte dos vencidos. Não nos surpreende, por isso, a noticia de que no Reichstag se fale de reformas democraticas. E assim nós veremos possivelmente ámanhã o liberalismo germanico, a opôr-se á reacção auctoritaria da França que vence pela aplicação sistematica da politica conservadora e militarista.

E a França saberá aproveitar a lição da guerra, a grande lição politica, eloquente e complicta, que os factos dia a dia foram vincando mais profundamente. Será então chegada a hora de nós encararmos de frente o problema portuguez, de aspectos tão variaveis, de analise tão dificil, e que se reduz afinal a uma equação duma simples incognita: a Monarquia.

Armando da Silva

Mais uma para a conta

Os nossos leitores lembram-se decerto da campanha levantada pelo orgão do assassino de Newala contra o tenente da Guarda Republicana, senhor Manuel R. Carpinteiro, aproposito da estada do senhor Arcebispo de Evora no Ervedal, concelho de Aviz. Recusou-se a *Republica* a dar publicidade a uma carta que lhe enviou o senhor tenente Carpinteiro, pretextando,—que pudica donzela!—, o tom violento e inconveniente em que vinha redigida. Essa carta publicou-a, porem, o nosso jornal, onde já a questão se tinha levantado por conhecimento directo que possuiamos dela.

Voltou a *Republica* á carga, utilisando umas acusações insubsistentes dum tal Bernardo Correia, do Ervedal, que, seguro talvez da impunidade, despejou sobre o nome e a conducta do senhor tenente Carpinteiro toda a casta de insolencia que houveram por bem encomendar-lhe.

Ora sucede que o mesmo Bernardo Correia, chamado, ao que parece, á responsabilidade das suas afirmações deu o dito por não dito. Assim o vemos no nosso prezado colega de Elvas, — *O Leste*, no seu numero de 29 de setembro. E' mais um capitulo para a historia brilhante do evolucionismo, personificado no jornal do senhor Soisa, ultima incarnação de Palma Cavalão. Como tal, gostosamente o reproduzimos para as colunas da *Monarquia*, com a devida venia. Não ha nada que diga melhor a baixeza dum caracter e o que é neste desgraçado pais o farisaismo dos partidos.

Os nossos leitores, recordados dos factos, não precisam que lhes diga a moral do conto. Nu e cru, ele affica:

Subordinada a esta epigrafe, publicou ha tempos um senhor Bernardo Correia, do Ervedal, umas correspondencias no jornal de Lisboa, o *Republica*, em que a proposito de umas festas naquela freguesia, se punha de rastos a honra, a dignidade e o proprio brio militar do nosso querido amigo Manuel Carpinteiro, tenente da guarda republicana nesta cidade.

Essas correspondencias encheram de nojo todos os que conhecem o tenente Carpinteiro, considerado por toda a gente como um honrado chefe de familia, um caracter franco, um excelente amigo e um belissimo camarada. Pois o tal Bernardo Correia acusava-o de não ser nada disso, só porque o tenente Carpinteiro estava disposto a meter na ordem os discolos que pensavam em manifestações desagradaveis ao sr. Arcebispo de Evora, quando da sua visita pastoral áquela freguesia.

Pois agora o mesmo Bernardo, que assinava as taes correspondencias, vem fazer a seguinte declaração, devidamente reconhecida e assinada, que para aqui transcrevemos, para que os amigos de Manuel Carpinteiro possam avaliar a dignidade do seu detrator. E' tudo quanto ha de mais repelente, e no genero de retratação não conhecemos coisa parecida.

O seu autor nega tudo, absolutamente tudo, quanto disse do tenente Carpinteiro, a quem pedimos desculpa desta defeza, de que não carece, mas que entendemos dever tomar como seus amigos e admiradores.

Seguem-os documentos:

Declaração

O abaixo assinado, Bernardo Correia, natural e residente em Ervedal, declara que escreveu uma carta que foi publicada no jornal «Republica», de 24 de agosto proximo passado, sobre o senhor tenente Carpinteiro, Que não teve o mais, pequeno intuito de melindrar aquele cavalheiro; que é certo ter servido com ele no re-gimento de cavalaria n.º 1 quando ele ainda era praça, cabo e sargento. Que pelo seu procedimento o achou sempre um militar brioso e disciplinador não tendo a simpatia dos seus camaradas por este motivo. Que como homem (civil) nada sabe que o desabone, sendo considerado como homem de bem. Que não viu arrancar da parede do estabelecimento de João Antonio Correia o panfleto citado na correspondencia inserta no citado jornal e dia mas está informado de que não era o artigo «Alerta» do sr. dr. Antonio José de Almeida.

Para esclarecimento da verdade mandou passar a presente que assina em presença das testemunhas que com ele assinam.

Aviz, 14 de setembro de 1918.

Bernardo Correia.

(Segue-se o reconhecimento).

Isto não se comenta, porque os comentarios estão feitos na propria declaração. Agora segue a outra do comerciante, em cujo estabelecimento o tal Bernardo Correia dizia ter o tenente Carpinteiro arrancado um artigo do sr. dr. Antonio José de Almeida, que calcou aos pés. E' o proprio dono do estabelecimento que vem dizer ser tudo uma invenção grosseira do correspondente, pondo as coisas nos seus devidos termos.

E' a seguinte:

Declaração

Eu abaixo assinado declaro, que o papel que o sr. tenente da guarda nacional republicana Manuel Rodrigues Carpinteiro, arrancou da parede do meu estabelecimento, era um panfleto sem assinatura

Não sei se esse panfleto tem relação com o artigo—*Alerta*—do sr. dr. Antonio José de Almeida, de que não tive conhecimento. Tambem declaro que o sr. tenente Carpinteiro não calcou aos pés o citado panfleto, pois quando o arrancou meteu-o no bolso e levou-o dizendo-me que era para ler aos seus soldados.

Para esclarecer a verdade, mandei passar a presente que assino.

Ervedal, 31 de Agosto de 1918.

João Antonio Correia

(Segue-se o reconhecimento).

COMENTARIOS

O erro liberalista

Num magnifico artigo comemorando a data grotesca que passou ha dias, publicado no *Diario Nacional* diz e muito bem o sr. dr. Alfredo Pimenta:

Oito seculos de vida gastaram-lhe as energias de resistencia. E um seculo de embriaguez democratica extinguiu-lhe o sentimento de dever, e o respeito pelas «élites» dirigentes. Por seu lado, as instituições monarquicas deixaram-se perverter pelas ficções liberalistas, e, de transigencia em transigencia, chegaram ao seu suicidio.

E' por isso que nós combatemos, na hipotese duma Monarquia restaurada, o sistema liberalista, pois não queremos que ela *se suicide*... pela segunda vez!

Divergencias...

Diz o *Jornal da Tarde* que nós pretendemos *enfeudar* a Egreja ao Integralismo, quando dizemos que em Portugal a Egreja e o Throno foram sempre naturaes aliados para a vida e para a morte.

Não sabemos por que compendio de historia estudou o nosso presado e juvenil colega que ao que parece recebeu a sua instrução primaria nalgum Centro Republicano *«Se Deus nem Religião»*... Mas, como pela nossa parte foi isso que aprendemos e temos a fortalecer a nossa convicção as afirmações dos mais insuspeitos Mestres, julgamos ser nosso dever dizer a Verdade, visto entendermos que falsificar a Historia é um crime de lesa-patria!

Não o entende porém assim o nosso presado e impulsivo colega que naturalmente aprendeu *educação civica* na «Vida sexual»... do sr. Egas Moniz!...

Primeira condição...

Não concordou o *Jornal da Tarde*—o que de resto era de esperar—com as nossas palavras sobre as *soluções integrais* que o nalo-morto centrismo pretendia dar a todos os problemas nacionais.

E para justificar a sua discordancia transcreveu *algumas* das nossas palavras, parando porém ao chegar á nossa referencia ao *parlamento* que o nosso prezado colega queria que fôsse o *depurador* das soluções *integrais* dos *egoistas* da republica nova...

Dar-n-ia para algumas colunas o assunto se quizessemos valer-nos dele para atrapalhar o pobre nado-morto. Mas como temos uma verdadeira *piedade cristã* e como o espaço mingua limitar-nos-hemos a dizer ao nosso juvenil colega que a primeira condição para que uma solução seja integral é a *continuidade* e que a continuidade nunca póde existir numa republica—visto ser a principal caracteristica da Monarquia que nós defendemos cada vez com mais Fé e mais dedicação!...

Por Portugal!

Já por varias vezes nos temos referido aos artigos que no *Jornal da Tarde* publica o sr. Oliveira Barata que não conhecemos, mas que nos dá a impressão duma inteligencia de puritano perdida no Oceano do idealismo. Não fica mal a ninguem reconhecer nos adversarios politicos as qualidades que eles porventura possuam; e quem como nós não compreende o *espirito de partido* e só procura o interesse nacional de que é um factor importante a selecção e a especialisação das competencias, não pode hesitar em reconhecê-las ainda que o seu espirito esteja imbuito de preconceitos idealistas. Por isso nos referimos desta fórma ao nosso ilustre adversario de ideias, lamentando apenas que seja o coração e não o cerebro quem mais influencie a sua atitude. Isso não impede que nos encontremos—como muitas vezes tem succedido—nos mesmos pontos de doutrina.

Ha dias publicou o nosso ilustre colega um artigo sobre *A crise de caracter* que termina desta fórma:

Portugal foi grande! Conquistou o mundo e vestiu ferro, mas hoje... é quasi uma mulher histerica, a quem um perfume forte faz desmaiar.

E' verdade que o histerismo cura-se... nos homens com jactos de agua fria... nas nações com jorros de sangue.

Tem toda a razão. E' necessario despertar em Portugal as antigas Virtudes da Raça. E é por isso que nós, como condição essencial, defendemos o regresso ás instituições que o fizeram *grande*, quando *conquistou o mundo e vestiu ferro*, quando ainda a infiltração democratica não havia feito dele *uma mulher histerica, a quem um perfume forte faz desmaiar*!...

Ao leitor d'A MONARQUIA

Depois de lido, enviar este jornal ás Juventudes Monarquicas Conservadoras, Nucleo Regional de Lisboa, travessa das Mercês, 55, a fim desta o mandar para os nossos soldados no «front».

Questões agricolas

A divisão dos baldios

Do Ministerio da Agricultura saiu um decreto, autorizando a divisão dos baldios paroquiaes e municipaes. Não concordamos! Baseia-se esse decreto na necessidade imediata de se cultivarem os incultos e consequentemente, de se facilitar ao proletariado rural o acesso á propriedade. As razões são realmente de peso e parecem fundamentar a resolução do Ministerio da Agricultura. Mas se repararmos bem, o problema continua posto nos termos de sempre e o decreto em questão não passa dum episodio a mais na já larga literatura legislativa desta republica-nova, tão fertil em soluções que nada solucionam.

Diremos agora porquê. O principio em que o referido decreto se inspira ainda é o principio nefasto da desamortisação. De modo nenhum, com a tendencia individualisadora que vai por toda a parte, é que é preciso combater. é licito e patriotico alienar com um golpe de pena o pouco que nos resta do nosso antigo colectivismo agrario. Nas regiões montanhosas do norte cremos bem que os baldios continuarão indivisos. Porque de outro modo, tanto no Gerez como no Marão,—salvo o erro, o regime pastoril que ali se observa desaparecerá inevitavelmente, sem dar lugar a um sistema de cultura apreciavel. Quanto ao sul, a experiencia está mais que feita. Em pleno latifundio, a tendencia absorvente de grande propriedade devorou ha muito as parcelas em que foram divididas «coutadas» importantes, como a de Monforte, Alter e Arronches. A coutada de Monforte, partilhada em 1911, encontra-se hoje nas mãos dum numero reduzido de proprietarios. Por seu lado, no *Portugal inconnu* Leon Poinsard alude aos resultados colhidos com a individualisação da serra de Serpa.

Aceitemos, em todo o caso, que os baldios, se facilitassem á cultura individual, desde que se não reconhecessem necessarios para pastos e logradouros comuns. O decreto debatido prevê e acautela de certo modo a hipotese. O que condenamos, porem, é a forma como se faz a desamortisação.

A terra nunca deveria saír da colectividade, embora se reptarisse em «sortes» distribuidas com caracter de inalienabilidade e mediante aforamento pelos logos da paroquia respectiva. Seria uma tentativa interessante de vinculação para os pobres,—para os que não possuem, e um ensejo admiravel para se aplicar o projecto de lei sobre o *Casal de familia*, guardado a bom recato na pasta do senhor ministro da Justiça. Mas para isso era imperioso respeitar os usos e os costumes das localidades, e não esquecer que, ao contrario da doutrina sustentada pelo decreto do Ministerio da Agricultura, lá fóra, em muitos paises, se está acentuando uma corrente no sentido de adquirirem as Comunas terras para colectivisarem.

Infelizmente, Portugal não dispõe já duma soma larga de terrenos comuns. Alienar o que nos resta afigura-se-nos uma medida de ocasião que nada remedeia, e que só vem destruir as poucas possibilidades de que dispomos para, por meio dos baldios, se tentar uma interessante experiencia social. Não é por aí que o Ministerio da Agricultura atinge os seus designios. O caminho é outro e com iniciativa mais rasgada. Não duvidamos da intenção honesta que presidiu á redação do decreto. O que não podemos é classifica-lo, como tanto desejariamos, de inteligente e de bem informado. Que o senhor Ministro da Agricultura o suponha sem hesitações, substituindo-o por outro diploma em que haja mais percepção das conveniencias do país e das necessidades da hora presente!

Assim o ficamos esperando, convencidos de que não será preciso voltarmos de novo ao assunto.

Antonio Sardinha

A PAZ

Numa ordem do dia ao exercito e á marinha, Guilherme II confirma as propostas de paz nas seguintes palavras:

«De acordo com os aliados, resolvo-me a oferecer mais uma vez a paz aos inimigos, mas é para uma paz honrosa que estendemos as mãos. Porem até lá não devemos afrouxar. A hora é grave. Confiantes na nossa força e com a ajuda de Deus sentimo-nos bastante fortes para defender o nosso querido paiz.»

Telegramas do governo austro-hungaro.

«A Austria-Hungria nunca fez senão uma guerra defensiva, o que é testemunhado pelos seus repetidos desejos de terminar a efusão de sangue e concluir uma paz honrosa e equitativa. Propomos ao presidente Wilson para concluir immediatamente com elo e seus aliados um armisticio geral, e entabolar sem demora as negociações da paz.

As negociações teriam por base os 16 pontos da mensagem de Wilson, de 8 de janeiro de 1918, os quatro pontos do seu discurso de 12 de fevereiro de 1918 e teriam em conta a declaração de 27 de setembro ultimo.»

Confissões Preciosas

Dum jornal republicano

O editoral do primeiro numero do «Tempo» tem diversas passsagens a que, por muito interessantes não podemos deixar de nos referir.

Assim logo ao principio estabelece desta maneira as culpas do liberalismo na queda da Monarquia:

Não foi exclusivamente pela acção das granadas vindas da Rotunda, onde um pequeno grupo de homens de coragem, decididos a vencer ou a morrer, se tinha entrincheirado nas horas difíceis da incerteza, que se obteve a victoria republicana.

Essa «gloria» pertenceu efectivamente não aos republicanos, mas sim aos liberalistas «malhados» que destruiram a Monarquia, democratisando-a...

Mais abaixo tem estes trechos que são um retracto ainda que um pouco «turvo» da «obra republicana:

se esta coisa imensamente triste: a negação completa das promessas tão entusiasticamente feitas e tão confiadamente aceites e a pratica do mal, do peor que que havia na regimen que se tinha feito baquear.

Sendo o paiz inegavelmente catolico, lançou-se-lhe o repto das perseguições religiosas; sendo estrimuralmente conservador, provocou-se com disposições de um radicalismo imprudente mesmo numa sociedade mais avançada. E para lisongear facilmente os pobres disse-se que os ricos eram apenas detentores da propriedade.

. . . . . .

A sociedade portuguesa anarquisou-se; redobraram as perseguições e as violencias, aumentaram, por isso mesmo, os protestos. A's desordens succediam-se as desordens. As bombas lançavam o seu ruido de morte ao canto de cada rua. O povo foi fuzilado nas praças publicas.

Depois de tudo isto, «O Tempo ainda defende a Republica, na crença ingenua de que este regimen indigno se possa melhorar...

—E se nós lhe dissermos que a Republica só póde ser o «mesmo» que tem sido até aqui... se não for peor!...

Dr. Camossa Saldanha

A proposito do artigo aqui publicado no dia 4, pelo nosso querido redactor principal, sr. dr. Antonio Sardinha, «Bicadas do Pelicano», recebemos do sr. dr. Camossa Saldanha a carta que, em obediencia ás praxes jornalisticas, e por uma questão de lealdade, a seguir publicamos.

Não fazemos por agora qualquer comenturio, porquanto, tendo sido a questão aqui tratada pelo sr. dr. Antonio Sardinha, só o sr. dr. Antonio Sardinha, ausente em Elves, poderá fazer-lhe os devidos comentarios logo que da carta do sr. dr. Camossa Saldanha tome o devido conhecimento.

Segue a carta:

Lisboa, 6 de outubro de 1918.

Sic, rua Garrett, 61, 2.º-Dir.

Meu ex.mo amigo

Tendo tido com a merecida atenção o artigo de V., em «A Monarquia», 2.º ano, n.º 484, de 4 de outubro corrente, intitulado «Bicadas do Pelicano», vejo lá referencias ao «pseudo original» de «A Ordem», que, como seu primeiro director, me cumpre esclarecer.

Assim, diz V., no fim de 4.º coluna, «Sentidamente o lamentamos certificando á «Ordem» de que não torname a bater-lhe á porta, visto as aguas de facil oportunismo passarem na nova». «Triunfou o pecado original! Fundára-se já com semelhante inclinação o inflamado periodico catolido.

«Não quiz o senhor conselheiro Fernando de Sousa assistir-lhe ao batisma exatamente por isso.»

O sublinhado é meu, porque é essa a parte a parte a que tenho de me referir.

A historia da fundação e primeiros tempos de «A Ordem» terá possivelmente de ser feita um dia para edificação das gentes.

Mas vamos ao que interessa, por agora.

Como em outros pontos artigo, só se refere ainda aos «principios» que naturalmente ecoduziram ao ralliemem» e a uma «politica enviesada», poderá qualquer leitor inferir que «A Ordem» se fundou para defender essa orientação e que eu assim o fiz, enquanto, á falta de melhor, estive á sua frente.

Por isso venho pedir a V. o obsequio de fazer publicar em *A Monarquia* a seguinte declaração

—*A Ordem* fundou-se para satisfazer a necessidade reconhecida de haver em Lisboa um diario EXCLUSIVAMENTE CATHOLICO sem filiação partidaria.

—Como seu primeiro director nunca tive em mente qualquer politica *entreaista* ou de *ralliement* das quais aqui e sempre fui absoluto e intransigentemente adversario, tendo procurado sempre manter *A Ordem* no campo estrictamente catholico, fóra e acima da politica.

—Entendo que a *democracia* e *catholicismo* são termos antagonicos e por isso julgo que todo o catholico deve ser anti-democrata, embora ardente *demofilo*, e tenho verificado ha muito que andam muito confundidos em Portugal *democracia* e *demofilia*.

—Sou, porem, de parecer que esta demonstração tem de ser feita no campo politico e pelos politicos monarquicos, aos quais directamente interessa.

—Quem trabalha no campo exclusivamente catholico, só tem que saber-se aqueles que o acompanham são ou não catholicos, nada tendo que ver com as suas opiniões politicas.

Feita assim esta declaração categorica, espero que se acabe para sempre e de vez com a lenda do *pecado original* de «A Ordem».

Demais não é desconhecido de V. que a minha orientação em politica é intransigentemente anti-democrata e anti-liberal, desde que em Paris me dediquei a estudar um pouco de filosofia politica, em que me confesso sempre um discipulo da escola de *Charles Maurras*.

Agradecendo a V. o acolhimento que quizer dar-me em *A Monarquia*, reservo-me o direito de fazer desta o uso que entender e confesso-me com toda a consideração.

De V.

mt.º at.º ven. e am.º mt.º ob.º

Augusto Camossa Saldanha

Um trapo...

Segundo *A Mocidade*, *O Mundo* é uma segunda bandeira da republica.

Razão tinhamos, pois, nós, quando lhe chamavamos *Torchon* que em bom portuguez significa *esfregão*...

No final de contas é sempre um *trapo*...

«O TEMPO»

Com este titulo, saiu em Lisboa, mais um diario que se propõe defender a actual situação politica e, no que se diz, especialmente o sr. Tamagnini Barbosa.

Este nosso novel e prezado colega tem como directores os srs. Simão de Laboreiro e dr. Rodrigues Pereira e como redactor em chefe o sr. Carneiro Geraldes, apresentando-se muito bem redigido e com bom aspecto material.

Ao novo colega na imprensa os nossos desejos de longa vida e as nossas saudações.

PORTUGUESES!

Os prisioneiros de guerra passam privações

Enviai á Junta Patriotica do Norte—Paços do Concelho—Porto—generos ou roupa, que esta os fará chegar ao seudestino.

Felizmente...

Da *Mocidade*, orgão dos *mocinhos* da Liga republiqueira:

«Portugal não morre porque o não quer a Mocidade Portugueza.»

E por não querer que Portugal sucumba é que essa Mocidade que não é da Liga nem do Quintal ha-de expulsar em breve esta bambochata sinistra mas grotesca, a que com muita razão se chama a republica!...